Correio da Manhã

#cm 2

TERÇA-FEIRA

Ricardo Guzzo/Divulgação

Zezé de A a Z

Larissa Noel vive a **atriz e cantora Zezé Motta em espetáculo** que revisita os episódios que **abriram caminho para gerações de artistas negras no país. Com direção de Roberta Estrela D'Alva, o espetáculo fica em cartaz até 6 de dezembro** no Teatro João Caetano. Página 3

CORREIO CULTURAL

Milena Balliano/Divulgação



A noite costuma render muito no Bukowski

Bukowski completa 29 anos na noite carioca

O Bar Bukowski, reduto do rock em Botafogo, completa 29 anos com festa nesta sexta-feira (13) e um pacote de novidades para a temporada carioca. A noite terá Os Gradientes nos clássicos dos anos 80 e 90, DJs históricos e parabéns com bolo e doses.

Na mesma data estreiam quatro projetos: o Happy Hour do Buko, com voz e violão às sextas a partir das 18h e entrada gratuita; o After do Buko, com shows desde a meia-noite; a Garagem, palco de bandas autorais; e o Blues do Charles Zanol Trio aos sábados. Fecham o pacote as exposições do Arte no Bukowski, com "Frestas de Liberdade", de Daniel Lima.

"A gente viu as pessoas se apaixonarem, terem filhos, se separarem e depois voltarem", resume Pedro Bewanger, fundador da casa de rock mais antiga da cidade.

Homenagem a Seu Jorge

O Prêmio Potências chega à 6ª edição com Seu Jorge como grande homenageado, em cerimônia marcada para o dia 18, em São Paulo. A escolha celebra os 25 anos de "Samba Esporte Fino", o álbum de 2001 que projetou o cantor para além das fronteiras do Brasil. Da Baixada Fluminense aos palcos internacionais, Seu Jorge transformou a herança afro-brasileira em linguagem própria — do samba ao soul, do cinema à música. Uma das maiores celebrações da cultura negra no país, o prêmio reconhece a potência de sua carreira.

Vem aí o natal Sesc

O Sesc RJ levará a magia do Natal a 44 localidades do estado do Rio de Janeiro, com uma programação que começa neta quarta (11) em Petrópolis, com o acendimento de uma árvore de 33 metros de altura no Centro Cultural Sesc Quitandinha, e se estende até 6 de janeiro.

Vem aí o natal Sesc II

O Sesc RJ anuncia ainda que meste período diferentes regiões fluminenses, praças, ruas e espaços culturais ganharão decoração especial e atrações natalinas, transformando as cidades em lugares de encontro e celebração. Confira a programação em natalsesc.com.br.

Novo longa de Meirelles saindo do forno

Divulgação Netflix



A Netflix revelou, nesta segunda (9), as primeiras imagens de "O Assalto", filme dirigido pelo brasileiro e indicado ao Oscar Fernando Meirelles, que chega ao serviço de streaming em janeiro. Com um elenco estelar comandado por Denzel Washington, Robert Pattinson e Daisy Edgar-Jones, a produção conta ainda com Danai Gurira, Sean Harris, Moisés Arias e Justin Kirk.

Noélia Nájera/Divulgação



'Desfazenda' é uma montagem do grupo teatral O Bonde, de Santo André (SP)

A escravidão que sobreviveu à abolição

Montagem do coletivo O Bonde, inspirada no documentário 'Menino 23', leva ao palco a história real de meninos negros escravizados em fazenda paulista décadas depois de 1888

"Se alguém encontrar esse diário que enterre o meu corpo fora desse lugar para que ao menos o meu espírito possa estar livre." A frase, do diário de Zero, personagem de "Desfazenda – Me Enterrem Fora Desse Lugar", traz as palavras que batizam a montagem do coletivo paulistano O Bonde chega à sua última semana em cartaz no Teatro Nelson Rodrigues, da Caixa Cultural. Dirigida por Roberta Estrela D'Alva, com dramaturgia de Lucas Moura, a peça parte de uma história real: em 1930, décadas depois da abolição, mais de 50 meninos negros foram retirados de um orfanato no Rio e escravizados numa fazenda do interior de São Paulo.

O caso veio à tona com o documentário "Menino 23 – Infâncias Perdidas no Brasil" (2016), de Belisário Franca, que acompanhou a investigação do historiador Sidney Aguilar a partir da descoberta de tijolos marcados com suásticas nazistas na propriedade. A montagem é livremente inspirada no filme, mas não reconstitui os fatos: desloca-os para uma ficção em que as personagens 12, 13, 23 e 40 são pessoas negras que, ainda crianças, teriam sido salvas da guerra por um padre branco e levadas para viver numa fazenda, onde cumprem tarefas diárias sob a supervisão de Zero, homem negro um pouco mais velho. O padre permanece na capela, a guerra nunca chega e, sempre que alguém questiona as regras daquele universo, o sino toca e a rotina recomeça — até que a ordem deixa de se sustentar.

Em cena, quatro intérpretes — Ailton Barros, Filipe Celestino, Jhonny Salaberg e Joy Catharina — ocupam um palco numa encenação minimalista em que luz e som conduzem a atmosfera. A dramaturgia bebe no teatro hip-hop, no spoken word e na cultura das batalhas de poesia: a palavra, com ritmo e musicalidade, é o motor da narrativa. As vozes de Mãe e Criança são de Grace Passô e Negra Rosa; a direção musical divide-se entre Dani Nega e Roberta Estrela D'Alva, com sample do documentário assinado por Belisário Franca. Ailton Barros assina cenografia e figurino; Matheus Brant, o desenho de luz.

Premiado pela APCA como melhor espetáculo virtual de 2021 e indicado ao Prêmio Shell de dramaturgia, "Desfazenda" integra a Trilogia da Morte, pesquisa do grupo O Bonde, de Santo André (SP), sobre a violência direcionada à população negra em diferentes fases da vida.

É a segunda montagem do coletivo e a primeira voltada ao público adulto. Fundado em 2017 por artistas formados em períodos diferentes da Escola Livre de Teatro de Santo André, o grupo usa a palavra e a narratividade como ferramentas de denúncia e de ampliação das discussões afro-diaspóricas. A sessão de domingo (15) terá intérprete de Libras e bate-papo com o elenco

SERVIÇO

DESFAZENDA – ME ENTERREM FORA DESSE LUGAR

Teatro Nelson Rodrigues - Caixa Cultural Rio (Av. República do Paraguai, 230, Centro). |Até 15/11, quintas a sábado (19h) e domingos (18h) Ingressos: R$ 40 e R$ 20 (meia)

Ricardo Guzzo/Divulgação



Larissa Noel interpreta Zezé Motta em diferentes fases da vida da artista

A artista que **abriu caminhos**

Larissa Noel interpreta Zezé Motta em musical que percorre, entre canções, as memórias e as disputas de uma carreira construída no teatro, no cinema e na TV

Larissa Noel entra em cena no Teatro João Caetano para interpretar, em diferentes idades, uma artista que segue em atividade aos 82 anos. "Prazer, Zezé! O Musical" fica em cartaz até 6 de dezembro, montado a partir da carreira de Zezé Motta — atriz e cantora que passou pelo palco, pelo cinema, pela televisão e pela música. O percurso retratado inclui o enfrentamento do racismo e do machismo que marcou a trajetória da artista que abriu caminho para gerações seguintes de artistas negras no país.

A montagem recupera momentos marcantes da artista como sua estreia na pela "Roda Viva", encenada por Zé Celsom Martinez Corrêao encontro com integrantes dos Panteras Negras em Nova York e a projeção de "Xica da Silva", filme de Cacá Diegues lançado em 1976 e relançado neste ano em cópia restaurada em 4K. Antes da fama, a elegância da mãe modista e a musicalidade do pai compõem o retrato da formação da artista.

A diretora artística Débora Dubois situa o projeto nesse percurso. "O ponto de partida foi pensar que a trajetória da Zezé não cabia em um retrato confortável. A história dela é a de uma artista que precisou disputar cada espaço, em um país que sempre naturalizou a exclusão de corpos negros dos lugares de protagonismo. O musical nasce desse embate entre desejo, talento e estruturas que tentam limitar quem pode ocupar o centro da cena", afirma.

> *"O ponto de partida foi pensar que a trajetória da Zezé não cabia em um retrato confortável. A história dela é a de uma artista que precisou disputar cada espaço, em um país que sempre naturalizou a exclusão de corpos negros dos lugares de protagonismo"*
>
> **DÉBORA DUBOIS**

Idealizador e dramaturgo, Toni Brandão escolheu uma estrutura não linear. Episódios, conquistas, embates, quedas e retomadas se entrelaçam para aproximar o público dos sonhos, das escolhas e da coragem de Zezé, sem transformar a biografia em celebração protocolar. A música não entra como intervalo: canções ligadas a momentos da vida da homenageada conectam episódios e épocas. "Senhora Liberdade", "Tigresa" e "Muito Prazer, Zezé" estão entre os títulos anunciados.

Larissa Noel conduz a personagem principal ao lado de 11 intérpretes: Adriano Tunes, Anastácia Lia, Fernanda Ventura, Fernando Rubro, Hipólyto, Josie Antello, Lucas da Purificação, Luciana Carnieli, Moara Sacchi, Vitor Novello e Willian Sancar. Uma banda de oito músicos acompanha a narrativa, sob direção musical de Cláudia Elizeu, com Dan Motta como maestro. A direção de arte é de Billy Castilho, a iluminação, de Wagner Pinto, a produção artística, de Bianca de Felippes, e a coreografia leva as assinaturas de Tainara Cerqueira e Priscila Borges.

Entre canções, descobertas e momentos decisivos, o espetáculo acompanha a mulher que fez do palco, da tela e da música espaços de liberdade e afirmação — e que, aos 82 anos, segue criando, cantando e ampliando as possibilidades de estar em cena.

SERVIÇO

PRAZER, ZEZÉ! O MUSICAL

Teatro João Caetano (Praça Tiradentes, s/nº, Centro)
Até 6/12, quintas e sextas (19h), sábados (17h) e domingos (16h). Sessões extras em 28 de novembro e 5 de dezembro, às 20h. . Plateia: R$ 100 (inteira) e R$ 50 (meia); Balcão Nobre: R$ 80 e R$ 40

Efeito Pawel

Cineasta polonês oscarizado por Cannes com 'Ida' e celebrado de novo em Hollywood com 'Guerra Fra' transforma 'A Terra Do Meu Pai', sobre o legado de Thomas Mann, num sucesso

Agata Grzybowska/Divulgação



Hanns Zischler e Sandra Hüller em 'A Terra do Meu Pai', de Pawel Pawlokowski

Aleksandra Modrzejewska/Divulgação



RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Ao custo de US$ 10 milhões, o cinema europeu, em conexão com a plataforma MUBI, forjou, em P&B, um gigante de apenas 82 minutos para desbravar um terreno de filmes autorais em que a porção independente dos Estados Unidos, o Japão, a Coreia do Sul e rincões da América Latina — como México e Colômbia — vêm batendo pesado: a seara do cinema adulto, espaço em que "A Terra Do Meu Pai" ("Fatherland") hoje reina galante e soberana.

Escolhido pela Polônia para representá-la na corrida pelo Oscar, o longa traz na direção a grife de Pawel Pawlikowski. A produção saiu de Cannes, onde disputou a Palma de Ouro e terminou entre os vencedores do prêmio de Melhor Direção, dividido entre o realizador polonês e a dupla espanhola Los Javis, responsável pelo fenômeno comercial "A Bola Preta" ("La Bola Negra").

O cenário escolhido por Pawlikowski é a literatura, mas ele fez questão de afastar, numa resposta áspera ao Correio da Manhã, na Croisette, qualquer definição do filme como uma ode à escrita ou à prosa. "Eu me interesso por pessoas e, neste pano de fundo da História, encontrei personagens que eu poderia explorar bem", afirmou.

Em 2018, o realizador alcançou um ponto alto em sua travessia pela ala da autoralidade fílmica com "Guerra Fria", história de amor (também filmada em preto e branco) que lhe rendeu o prêmio de Melhor Direção em Cannes e uma indicação ao Oscar de Melhor Realização. É difícil pensar no cinema de Pawlikowski sem evocar o legado do russo Boris Barnet (1902-1965), realizador de preciosidades como "À Beira do Mar Azul" (1936), que introduzia humor na aspereza das relações afetivas. O cineasta polonês trabalha com matéria dramática semelhante: os afetos atravessados por tensões históricas, as relações familiares que sobrevivem às rupturas e a dificuldade de conciliar intimidade e mundo. Esse elemento, por vezes cortante, conduz sua nova produção, centrada no escritor Thomas Mann (1875-1955), Prêmio Nobel de Literatura, e em sua filha Erika (1905-1969), também escritora.

> *"Eu me interesso por pessoas e, neste pano de fundo da História, encontrei personagens que eu poderia explorar bem"*
>
> **PAWEL PAWLIKOWSKI**

A impressionante semelhança de Hanns Zischler com Thomas Mann, alcançada pela caracterização, parece devolver à vida o autor de "A Montanha Mágica". Igualmente notável é o encontro desse mito da literatura alemã com Sandra Hüller, que interpreta Erika. Os dois percorrem uma Alemanha ainda marcada pela devastação da Segunda Guerra Mundial, em uma viagem atravessada pelo luto e pela necessidade de compreender o que restou de um país e de uma família. O preto e branco sublinha aquilo que os personagens não conseguem dizer. É uma espécie de engasgo recorrente no cinema de Pawlikowski. Vencedor do Oscar de Melhor Filme Internacional por "Ida" (2013), o realizador encontrou nessa composição visual uma linguagem capaz de atravessar fronteiras e aproximar diferentes culturas, inclusive a literária.

Sem reverência paralisante, Pawlikowski passa de personagem em personagem, atento às contradições de cada um. Erika é uma das figuras mais fascinantes desse percurso. Filha mais velha de Thomas Mann, foi atriz, jornalista, escritora e ativista política, assumindo uma posição frontalmente antifascista ainda nos primeiros anos da ascensão nazista. Em 1933, fundou o cabaré político Die Pfeffermühle, espaço de sátira contra Adolf Hitler e o totalitarismo. A iniciativa contribuiu para obrigá-la ao exílio poucos meses depois. Cosmopolita, irreverente e intelectualmente inquieta, Erika tornou-se uma das vozes mais ativas da resistência cultural alemã no exterior. Trabalhou como correspondente de guerra e manteve uma colaboração intensa com o pai durante os anos de afastamento da Alemanha.

Também está presente Klaus Mann (1906-1949), irmão mais novo de Erika, vivido por August Diehl em uma participação breve, mas marcante. Escritor precoce, homossexual assumido em uma Europa cada vez mais conservadora, Klaus transformou a própria existência em uma batalha contra o autoritarismo, a hipocrisia burguesa e os conflitos de sua geração. Sua obra mais conhecida, "Mephisto" (1936), é uma denúncia contundente da complacência de artistas e intelectuais diante do nazismo, inspirada em figuras reais do teatro alemão que colaboraram com o regime. Exilado durante boa parte da vida, morreu por suicídio em Cannes, em 1949, aos 42 anos. Sua trajetória, marcada por lucidez política, depressão e autodestruição, acrescenta outra camada de inquietação à história dos Mann.

Thomas, o patriarca, permanece como um dos nomes fundamentais da literatura europeia moderna. Autor de obras monumentais como "Os Buddenbrook" e "Doutor Fausto", recebeu o Nobel de Literatura em 1929 e se tornou um intérprete privilegiado da decadência espiritual da burguesia alemã. Inicialmente conservador, evoluiu politicamente ao longo das décadas e se transformou em uma das vozes intelectuais mais importantes na denúncia do nazismo durante o exílio. Sua escrita, marcada por ironia, sofisticação filosófica e profundidade psicológica, investigou os conflitos entre arte e vida, razão e desejo, disciplina e decadência. São tensões que atravessaram também a história íntima de sua família e que Pawlikowski encontra no convívio entre pai e filha.

"Distraídas pela tecnologia, com a cara enfiada no celular, as plateias de hoje perderam a conexão com a simplicidade, o que me levou a querer construir uma narrativa que pudesse ser sintetizada pela lógica das histórias de afeto e de troca sentimental. Uma história sobre a perseverança do carinho, num espaço mediado pela tolerância possível", disse. A declaração ajuda a compreender a delicadeza com que trata os Mann: em meio à turbulência histórica, o que lhe interessa é a possibilidade de preservar um vínculo.

Ao longo de mais de duas décadas, Pawlikowski construiu uma das filmografias mais consistentes do cinema europeu contemporâneo. Sua estreia na ficção em longa-metragem, "Last Resort" (2000), foi reconhecida com o BAFTA de Melhor Estreia Britânica. Depois vieram o intimismo sentimental de "Meu Verão de Amor" (2004), a deriva existencial de "A Mulher do Quinto Andar" (2011) e o rigor austero de "Ida", que levou o Oscar para a Polônia. Seu cinema se caracteriza por enquadramentos rigorosos, silêncios densos e uma pulsação histórica que nunca sufoca a intimidade dos personagens.

O cineasta rejeita, porém, a nostalgia como método de interpretação do passado. "Não faço uma narrativa nostálgica nos meus filmes, nem na idealização nem na demonização do passado. O passado tem seu lugar. A Polônia de ontem tem seu lugar. O meu lugar é outro: é o lugar de uma língua que, mesmo numa diáspora pelo mundo, preserva-se em sua identidade nacional, como memória de corpos, de sensações", diz. "Filmo a História atento a seus ruídos".

Divulgação



Os anos 1600, nas peripécias do Rei Sol, transparecem em 'Molière, Cyrano e o Pequeno Rei'

FESTIVAL DE CINEMA FRANCÊS DO BRASIL 2026

Au revoir!

A edição 2026 do Festival do Cinema Francês se despede do Brasil com uma leva final de peso no quesito das autoralidades da produção europeia do presente

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Responsável pela excursão de gigantes pop da França como Laure Calamy e Benoît Magimel pelo país, nas últimas duas semanas, o Festival do Cinema Francês no Brasil (ex-Varilux) deixa nossas telas nesta quarta-feira, levando consigo a certeza de ter emplacado uma de suas levas mais vibrantes. Tem muita coisa boa agendada para esta despedida, em especial nesta tarde.

Às 15h45, o Estação Claro Gávea projeta "Molière, Cyrano e o Pequeno Rei" ("Les caprices de l'enfant roi"). A direção é de Michel Leclerc, que comanda astros como Artus, Julia Piaton e Franck Dubosc nesta comédia cheia de adrenalina, vinda de Cannes. Sua trama nos leva a 1651, quando Luís (ainda não XIV) é um jovem adolescente. Enquanto a inimigos ameaçam o reino, sua mãe, Ana da Áustria, decide retirar o filho às escondidas para colocá-lo em segurança e o substitui por um sósia. Luís é confiado por D'Artagnan a Cyrano de Bergerac, que o esconde no seio da companhia teatral de Madeleine Béjart e Molière. Enquanto Madeleine e Cyrano descobrem uma paixão em comum pelo jovem Molière, Luís descobre a vida e seus prazeres, a arte e o trabalho, a coragem e a estratégia — tudo aquilo que fará dele o Rei Sol.

Às 16h40 deste 10/11, no Estação Claro Rio, a boa é o thriller "Sem Piedade" ("Sans Pitié"), de Julien Hosmalin. Depois de um passeio de moto com Ryan (Com Adam Bessa, , Jonathan Turnbull), seu irmão mais velho, Dario (Adam Bessa) desaparece e permanece sem deixar rastros. Só no dia seguinte ele reaparece, ferido e completamente calado. Vinte anos depois, com a morte da mãe, os dois irmãos se reencontram. Dario reconstruiu sua vida no Canadá, enquanto Ryan permaneceu em Ferris Wheel, vivendo do estande de tiro e de pequenos golpes. Dario redescobre essa vida de feira, quase esquecida, e a família que a compõe. Mas, certa noite, entre as pessoas próximas a Ryan, ele se depara por acaso com um de seus sequestradores. A partir desse momento, os dois irmãos terão de lidar, de um lado, com a vingança e, de outro, com o perdão, mas num recorte geopolítico: o multiculturalismo.

Divulgação



O duo Calamy Macaigne é certeza de gargalhada em 'O Que É O Amor'

Divulgação



A escrita de 'Os Miseráveis' vira objeto de reflexão (que faz rir) com Fabrice Luchini em 'Victor, como Hugo'

Num outro terreno político, o da sororidade, o Festival de Cinema Francês brinda plateias brasileiras nesta terça com "A Casa das Mulheres" ("La Maison Des Femmes"), de Melisa Godet, a ser exibido pelo Fashion Mall, às 18h. Longa-metragem de estreia da escritora do romance "Les Augustines" na direção. Karin Viard e Latetita Dosch são parceiras valiosas em sua entrada no cinema. Ela narra o dia de um lar de acolhimento onde cuidam-se mulheres vítimas de violência. Se em outros lugares elas são ameaçadas, agredidas, violadas, mutiladas e têm o seu sofrimento ignorado, naquele espaço são ouvidas, apoiadas, ajudadas e acreditadas. Um time de profissionais irá ampará-las até que possam se reerguer, em equipe, mesmo que isso signifique arriscar o próprio equilíbrio pessoal. Tem sessões dele na quarta, às 16h10, no Cine Santa Teresa.

Às 20h10, é vez de rir com Fabrice Luchini, em "Victor, Como Hugo" ("Victor Comme Tout Le Monde"), no CineCarioca José Wilker. Pascal Bonitzer dirige esta joia, egressa do Festival de Roterdã. Em sua trama, Victor Hugo (1802-1885), autor de "Os Miseráveis", é a inspiração maior do ator Robert Zucchini (Luchini) carrega consigo uma doce melancolia quando não está no palco. Todas as noites, ele lota as salas de espetáculos, transmitindo seu amor pelas palavras. Até o dia em que reaparece sua filha, que ele não viu crescer... E se, pela primeira vez, amar fosse melhor do que admirar?

Às 21h15, o Cinesystem Belas Artes comprova o que faz da supracitada Laure Calamy uma titã na frente das câmeras com "O Que É O Amor? ("C'Est Quoi l'Amour?"), de Fabien Gorgeart, ao lado do hilário Vincent Macaigne, Lyes Salem. Quando Fred (Macaigne) pede à sua ex-esposa, Marguerite (Laure), que anule o casamento na Igreja para que possam se casar novamente, ela fica feliz em vê-lo recomeçar a vida. Mas o que deveria ser uma mera formalidade acaba se revelando mais complicado do que o previsto e os levará até Roma, acompanhados dos filhos e de seus novos cônjuges.

Para quarta, ainda há ingressos para o longa que pode trazer um Oscar para o Japão, ainda que numa parceria com a França: "O Sentido da Vida" ("Soudain"), de Ryusuke Hamaguchi. Sua exibição final no Festival do Cinema Francês está marcada para 19h15. Suas estrelas (ambas em estado de graça) são Virginie Edira e Tao Okamoto, que dividiram o prêmio de Melhor Atriz em Cannes quando este estudo existencialista passou lá, firmando-se como um ensaio multicultural sobre solidariedade. Na trama, Marie-Lou Fontaine (Efira), diretora de uma casa de repouso nos arredores de Paris, desafia as convenções ao adotar o método "Humanitude", apesar da resistência de sua equipe. Seu encontro com Mari Morisaki (Tao), uma dramaturga japonesa em estado terminal, muda a sua vida. Juntas, elas fazem da instituição um símbolo de resistência, numa narrativa envolvente do diretor de "Drive My Car", Oscar de Melhor Filme Internacional em 2022, hoje na MUBI.

Bob Wolfenson/Divulgação

A simplicidade sofisticada de Cézar mendes

Segundo álbum do violinista e compositor, 'Itapuano' reúne Caetano Veloso, Chico Buarque e Marisa Monte em canções compostas com Arnaldo Antunes e produzidas por Mário Adnet



O baiano Cézar Mendes disse que vive no Rio por questões profissionais, mas confessa que preferia viver em Itapuã; e essa nostalgia que transparece em 'Itapuano'

AFFONSO NUNES

Cézar Mendes acaba de lançar "Itapuano", seu segundo álbum: 12 canções escritas e compostas com Arnaldo Antunes e interpretadas por Caetano Veloso, Marisa Monte, Chico Buarque, Alice Caymmi, Adriana Calcanhotto, Tom Veloso, Sophie Charlotte, António Zambujo, Moreno Veloso, Pedro Miranda e Mário Adnet. Dedicado a João Gilberto e Fernanda Montenegro, o disco está nas plataformas de música pela Uns Produções.

Antes dos convidados, um ouvinte único. Na sala do apartamento de Cézar, João Gilberto não dizia nada enquanto o compositor lhe mostrava ao violão a melodia que se tornaria "João". Quando alguma passagem não o convencia, bastava um dedo levantado em sinal de negativo para que Cézar voltasse ao trecho e procurasse outro caminho. Com a letra de Arnaldo pronta, Cézar cantou-a para João, que chorou.

A faixa abre o disco: Arnaldo escreve sobre alguém capaz de inaugurar uma nação sem monumentos nem "balas de canhão", apenas com voz, violão e silêncio, e cuja invenção serve para "dar sentido à nossa sensação". Ao fim, a multidão escuta o coração e "se torna civilização". Cantada por Caetano, "João" parte de João Gilberto para chegar a uma ideia de Brasil.

O resto do disco se passa dentro desse país, em escala cotidiana: um homem admite um desejo "maior do que o Brasil", outro põe a sardinha para assar e compra a cerveja no bar, alguém espera diante da janela enquanto a pessoa amada talvez olhe uma tela. Itapuã surge com coqueiros e água morna nas pernas.

O processo criativo de Mendes nasce com a melodia. Ele compõe ao violão e entrega a música ao parceiro — muitas vezes assobiada pelo WhatsApp — sem determinar o que ela deverá dizer. "Eu não converso com nenhum dos meus parceiros, não sugiro nenhuma letra. Eu não penso, não me meto, não digo nada", conta. "Por sorte, todas falam de amor." Arnaldo, do outro lado, escuta na melodia o que já parece contido nela, respeitando divisões silábicas e acentos para que as palavras soem como fala. Chama de "simplicidade sofisticada" essa qualidade e resume: "A intenção da canção está presente na origem de tudo que faz."

O álbum nasceu de uma sugestão do jornalista Claudio Leal: dedicar um disco inteiro às parcerias com Arnaldo. Gravado entre agosto de 2025 e março deste ano, o repertório reúne músicas acumuladas ao longo dos anos e quatro inéditas — "Se não dá, não dá", "Apenas milagre", "Papel de bobo" e "Colibri". Mário Adnet, produtor, arranjador e orquestrador das doze faixas, colaborou também na seleção. "Eu me entreguei totalmente nas canções a ele, com uma confiança terrível", lembra Cézar. "E ele realmente tomou conta. Mário é genial, um cara incrível, sensível, muito delicado."

"Também pede bis", com Chico Buarque, visita o samba de salão em seu desenho de metais. "O culpado é o cupido", com Adriana Calcanhotto, é um samba-canção que poderia ter vindo de outro tempo até que o personagem declara: "quero ser seu namorado, mas eu topo só ficar". "Enquanto passa outro verão", com Sophie Charlotte, leva o balanço da bossa nova a uma cena contemporânea.

O título vem da biografia. Nascido em Santo Amaro da Purificação, Cézar viveu cerca de 25 anos em Itapuã e diz amar o bairro tanto quanto a terra natal. "É um lugar para onde eu vou voltar antes de morrer, com certeza", afirma. "Estou aqui no Rio porque preciso fazer música e tenho que me misturar. Se não, estaria lá." Foi no caminho para Itapuã que nasceu "Aquele frevo axé", sua primeira composição, letrada por Caetano e gravada por Gal Costa. Em "Itapuana", Mônica Salmaso e Cézar cantam um dia que começa antes do nascimento do sol — o diálogo com "Tarde em Itapuã", de Vinicius de Moraes e Toquinho, se dá noutro momento do dia, e Arnaldo define o bairro como "lugar público, colo e útero amoroso de Yemanjá". Em seguida, "Amor se acalme", com Marisa Monte, troca a beleza de acordar pela beleza de dormir. A ordem das faixas foi sugerida por Caetano.

Perto do fim, as canções se encontram. "Umbigo", com Tom Veloso, composta para o filho dele, Benjamin, parte da marca do cordão umbilical para tratar da origem e da circularidade; "Desistiu de mim", com Pedro Miranda, recolhe a imagem num samba em que "o mundo dá voltas". Antes, Moreno Veloso canta a malícia de "Se não dá, não dá" — o narrador descobre que virou apenas "petisco" para quem desejava como "manjar"; Alice Caymmi assume decisão parecida em "Papel de bobo"; António Zambujo canta a espera de "Apenas milagre"; e "Colibri", que entrou quando o disco já estava praticamente gravado, ganha a voz de Mário Adnet e o piano de Daniel Jobim.

Os convidados pertencem à história de Cézar, que não teve dúvida sobre quem cantaria o quê. "'Também pede bis' é a cara de Chico. E 'João' eu fiz sabendo quem ia cantar, tinha que ser Caetano, o maior discípulo dele. Não tinha outro", explica. "Todos eles se viram nas canções que cantaram."

Em "Depois enfim", seu primeiro disco solo, de 2018, Cézar cantava quase escondido na mixagem. Dessa vez, Caetano mandou cantar. "No outro disco eu cantei pouco. Era quase uma sombra, que eu pedia para deixar o mais longe possível na mixagem, para não aparecer. Mas dessa vez Caetano falou para eu cantar. Então eu disse: 'Tá, vou tentar'", lembra. Não é pouco para quem assinou parcerias com Caetano, Marisa e Arnaldo, teve canções gravadas por Gal Costa, Chico Buarque e Roberta Sá e participou dos Tribalistas como violonista e compositor.

"Itapuano" termina onde começou: na tradição da canção como matéria viva, transmitida no tempo e no espaço, capaz de mudar sem perder a memória de onde veio. "A gente não pode deixar isso morrer", resume Cézar.

O mpuico bem sabe que manter a canção como matéria viva é fazê-la circular e abrir caminho, uma a uma, às demais faixas deste belo disco.

Divulgação



Famosa por suas estações de esqui, a região dos Alpes Suíços é uma das opções de viagens literárias precificadas pelo Kayak

Das páginas para o

saguão de embarque

Inspirado pelo BookTok, buscador precifica viagens aos cenários de seis livros em alta nas redes

AFFONSO NUNES

Viajar sem sair do lugar é um dos poderes mais antigos do livro: basta abrir uma página para que a Toscana, os Alpes ou o Rio de Janeiro existam dentro da sala. Para muita gente, porém, isso está mudando. A viagem que começava na poltrona agora termina no aeroporto — e o buscador Kayak foi medir quanto custa essa travessia da imaginação ao portão de embarque. Em homenagem ao Dia Nacional do Livro, celebrado em 29 de outubro, a empresa transformou seis títulos em alta nas redes sociais em roteiros precificados, com custos por pessoa que vão de R$ 5.849, no Rio de Janeiro, a R$ 16.853, nos Alpes Suíços.

O motor da mudança tem nome e endereço digital. No TikTok, a comunidade BookTok ajuda a transformar a inspiração literária em tendência: em 2025, a hashtag #BookTokBrasil ultrapassou 3 bilhões de visualizações, enquanto os conteúdos literários da plataforma somaram mais de 12 bilhões. O movimento existe desde 2020, quando os vídeos sobre livros começaram a ganhar projeção durante a pandemia; hoje, a etiqueta global #BookTok acumula mais de 60 milhões de publicações, e no Brasil as buscas pelas duas hashtags cresceram 28% no começo do ano passado.

"Assim como filmes e séries de TV, os livros têm o poder de transportar os leitores para novos lugares e fazê-los se sentir parte da história. Descrições vívidas de destinos e experiências de personagens podem despertar a curiosidade e inspirar os leitores a explorar esses lugares em primeira mão, transformando histórias em inspirações para viagens", afirma Carolina Montenegro, vice-presidente do Kayak.

Os números do buscador saíram das buscas feitas em seu site entre 28 de abril e 4 de outubro de 2026, para viagens entre novembro deste ano e janeiro de 2027, com saída de qualquer aeroporto brasileiro: passagens de ida e volta em classe econômica e seis noites de hotel em quarto duplo. A lista abre com "De férias com você", de Emily Henry, best-seller do The New York Times adaptado para o cinema, que espalha sua protagonista por três cenários — e três orçamentos. Palm Springs, com clima desértico, piscinas e paisagens cercadas por montanhas, custa R$ 13.141, com voos para Los Angeles; a Toscana de vinhedos, colinas e vilarejos medievais, R$ 10.329, com voos para Roma; e Vancouver, onde montanhas, praias e parques se encontram numa mesma cidade, R$ 12.939.

Roma ainda rende uma segunda passagem. Em "Amor em Roma", de Sarah Adams, a estrela pop Amelia Rose, cansada da fama, viaja à capital italiana em busca de uma pausa e conhece Noah Walker, um morador que lhe apresenta uma vida longe dos holofotes — entre ruas históricas, praças charmosas e cafés que convidam a longas conversas, com direito a gelato e pôr do sol, por R$ 10.631. O suspense, por sua vez, muda a escala: "O sanatório", de Sarah Pearse, leva o leitor aos Alpes Suíços, com voos para Zurique e a diária mais salgada da lista, R$ 1.766, num total de R$ 16.853. Para quem prefere trocar o suspense pela aventura, a região também serve a uma temporada de inverno entre estações de esqui, vilarejos alpinos e cenários cobertos de neve.

A Ásia aparece em dois títulos. "Bem-vindos à livraria Hyunam-dong", de Hwang Bo-reum, transforma Seul em destino de espaços culturais e vida local para além dos pontos turísticos famosos, com a hospedagem mais barata do roteiro, R$ 716 por noite, e total de R$ 12.516. Já "Antes que o café esfrie", de Toshikazu Kawaguchi — 200 mil exemplares vendidos no Brasil e autor em turnê por Manaus, São Paulo e Campinas em setembro de 2025 —, custa R$ 12.908 para conhecer Tóquio.

A viagem guiada por livros, aliás, não nasceu no algoritmo. Em 2024, a Embratur lançou no Rio duas rotas literárias guiadas por aplicativo, a Rio Literário e a Rota Machado de Assis, que levam o turista a páginas de crônicas, poesias e músicas de Machado de Assis, Clarice Lispector, Lima Barreto e Vinicius de Moraes. O que o Kayak acrescenta é o preço de cada cenário, medido em buscas reais de brasileiros dispostos a atravessar a página.

O destino mais barato fica em casa — "E se fosse a gente?", romance de Clara Alves que acompanha Diego e Gabriel numa conexão que nasce por acaso, precifica o Rio de Janeiro em R$ 5.849, dos quais apenas R$ 973 de passagem aérea. Para quem já quiser sair da leitura e ir ao aeroporto, o buscador oferece um recurso de inteligência artificial para pesquisar, comparar e reservar a viagem. O livro continua cumprindo seu papel antigo de levar o leitor longe; a diferença é que agora ele também pode vender a passagem.

FOTOCRÔNICA



CARLOS MONTEIRO
FOTOS E TEXTO

Rio de se ver

Há um Rio que todo mundo vê. E há outro que poucos enxergam. Um está nos cartões-postais, nas paisagens repetidas, nos enquadramentos já conhecidos. O outro se esconde nos detalhes. Mora nas pequenas coisas, nos ângulos esquecidos, naquilo que os olhos apressados deixam escapar. É preciso mudar a maneira de olhar. Às vezes, abaixar-se. Outras, levantar a cabeça. Quase sempre, desaprender o que já se viu.

Do Leme ao Pontal, por exemplo, há um universo inteiro aos pés de quem caminha. Conchas espalhadas pela areia, pequenas esculturas que o mar desenha e abandona. Vistas de perto, parecem planetas, espirais, fragmentos de uma arquitetura secreta. Basta mudar o ângulo para descobrir que a praia não é apenas mar e horizonte. É também um delicado museu natural.

Na Floresta da Tijuca, a lente precisa atravessar o verde. Não basta contemplar a imensidão da mata. É preciso enxergar a folha que recebe a primeira gota de orvalho, a raiz que abraça a pedra, o tronco que carrega as rugas de séculos. A floresta não é apenas paisagem. É tempo, resistência e ancestralidade vegetal.

A Pedra da Gávea, vista de longe, parece vigiar a cidade. Mas, observada de outros ângulos, revela suas rugosidades, suas cicatrizes, seus desenhos minerais. É uma fotografia da eternidade. O granito guarda a memória dos ventos, das chuvas e de tudo aquilo que passou sem conseguir movê-lo. O fotógrafo sabe: nem sempre a beleza está no horizonte. Às vezes, está justamente onde ninguém costuma olhar.

No Aterro do Flamengo, a luminosidade faz seu próprio espetáculo. O sol atravessa as árvores, recorta a relva, desenha sombras sobre os caminhos e transforma a Baía de Guanabara numa imensa chapa fotográfica. Pela manhã, a luz é quase transparente. No entardecer, ganha tons de cobre, âmbar e ouro. O mesmo cenário. Outra cidade. Outro olhar. E há um Rio que não se revela apenas na natureza. Nas igrejas, a arte barroca e seus ornamentos guardam uma riqueza que muitas vezes passa despercebida. Os entalhes, os altares, as imagens, os douramentos. Mas é preciso olhar também para além da beleza aparente. Reconhecer as mãos que trabalharam a madeira, a pedra e o ouro. Muitas delas pertenciam a homens e mulheres negros, escravizados ou seus descendentes, cuja inteligência, técnica e sensibilidade ajudaram a construir o patrimônio artístico brasileiro.

A ancestralidade africana está espalhada pela cidade. Está nas igrejas, nas ruas, nos ritmos, nos gestos, na arquitetura e na cultura que atravessaram o Atlântico durante a diáspora. Está nas marcas de uma história de violência, mas também de resistência, reinvenção e permanência. Há uma cidade negra que precisa ser vista com a mesma atenção dedicada às montanhas e ao mar. Uma história que não pode continuar escondida atrás dos cartões-postais.

Talvez seja esse o maior exercício de fotografia: aprender a enxergar o que sempre esteve diante dos nossos olhos. O Rio não precisa de novos cenários. Precisa, muitas vezes, de novos enquadramentos. De um olhar que descubra o extraordinário no ordinário, que perceba a história por trás da paisagem e a humanidade por trás da beleza. O fotógrafo procura o instante. O cronista procura o detalhe. Ambos sabem que uma mudança de perspectiva pode revelar um mundo inteiro. Porque a Cidade Maravilhosa não se esgota no Cristo Redentor, no Pão de Açúcar ou nas praias famosas. Está nas conchas, nas raízes, nas pedras, na luz, nos altares e nas memórias de quem ajudou a construí-la.

É preciso olhar de novo. Olhar de perto. Olhar por baixo, por cima, por dentro. Ver o Rio com outros olhos. Os olhos de quem não se contenta em simplesmente enxergar, mas deseja descobrir. Afinal, o Rio mais bonito talvez seja justamente aquele que ainda não aprendemos a olhar.













